



POESIA SLAM NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA POR MEIO DO PIBID

Camilla Caetano Lemes¹
Eduardo Silva Macedo²
Elenilza Pereira de Souza³
Patrícia Afonso Ferreira⁴
Paula Godoi Arbex⁵

RESUMO

Neste relato, buscamos expor nossa visão e nossas impressões acerca de atividades e aprendizados no âmbito da Escola Estadual do Parque São Jorge, localizada na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Nesse espaço escolar, como parte das ações do Pibid, ministraramos duas aulas de literatura, direcionadas a duas turmas de terceiros anos do ensino médio no período noturno, com a premissa de apresentar os estudantes à poesia de rua, ou, como é popularmente conhecida, a poesia Slam. A ação, que levou o nome de “Gritos de força pela poesia de rua”, partiu inicialmente de um projeto da graduação em Letras-Português, produzido para a disciplina Seminário Institucional de Licenciaturas (SEILIC), com a finalidade de ser apresentado em evento da Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo é tratar de literaturas marginais, com enfoque na poesia performática em contexto de rua, ou seja, o Slam. Como resultado, tivemos o envolvimento dos colegas do Pibid, atuantes no mesmo subprojeto, da professora supervisora e até mesmo de funcionários da escola, como a bibliotecária, que muito se engajou no diálogo conosco. A aplicação prática em sala de aula, de atividades com a poesia, permitiu não apenas repensar as abordagens de ensino, mas também desenvolver ferramentas pedagógicas eficazes para a participação ativa dos alunos.

Palavras-chave: PIBID, Poesia, Slam, Poesia de rua, Escola Pública.

INTRODUÇÃO

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), por nos permitir a entrada em sala de aula como ministrantes de um projeto, mesmo que sejamos, ainda, alunos de graduação, possibilita-nos colocar alguns conhecimentos em prática e atestar metodologias

¹ Graduando do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, camilla.lemes123@gmail.com;

² Graduando do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, eduardo.sm@ufu.br;

³ Graduanda do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, elenilza.sousa@ufu.br;

⁴ Professora da Rede Básica de Ensino de Minas Gerais, supervisora do Subprojeto Letras-Português do Pibid – CAPES/UFU, patricia.afonso.ferreira@educacao.mg.gov.br;

⁵ Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, coordenadora de Área do Subprojeto Letras-Português do Pibid – CAPES/UFU, pgarbex@ufu.br.



antes vistas apenas em teoria. Dessa forma, dispusemos total comprometimento com a atividade levada, com o intuito não apenas de avaliarmos nossa capacidade educativa, mas com verdadeiras pretensões de que os alunos de terceiro ano de ensino médio com os quais entramos em contato, saíssem de nossas aulas com um mais robusto conhecimento acerca da poesia de rua e, para além disso, com a compreensão de que há, na verdade, uma vasta gama de possibilidades artísticas e culturais para o escritor marginal. A proposta, que levou o nome de “SLAM: Gritos de força pela poesia de rua”, partiu inicialmente de um projeto da graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, produzido para a disciplina Seminário Institucional de Licenciaturas (SEILIC), com a finalidade de ser apresentado em evento de nossa própria universidade, a UFU. A partir dessa demanda, entramos em contato com nossa orientadora do PIBID para averiguarmos a possibilidade da realização de determinadas aulas na escola em que já estávamos inseridos com PIBID (Escola Estadual do Parque São Jorge)⁶ e posteriormente, com a aceitação da escola, partimos para a realização de nosso plano de aula.

Visamos, com o trabalho em questão, desenvolver o senso crítico, sociopolítico e artístico em alunos do ensino médio de uma escola periférica da cidade de Uberlândia. Para estimular a construção crítica dos alunos, mas também seu conhecimento literário, foi utilizado o gênero poesia Slam ou poesia de rua. Mas como podemos definir o Slam? Paiva (2019) diz que eles se configuram “como uma extensão dos saraus poéticos, onde a poesia e a performance criam um único sentido para a poesia”. Destacamos o caráter coletivo e a troca de experiências de cada um com o fazer poético.

Por meio dessa atividade, fomos capazes de dialogar com os estudantes de forma a apresentar a possibilidade de um fazer poético que aborde temas e vivências que são presentes em suas vidas cotidianas. Nesse quesito, a escolha desse gênero literário foi movida pela sua característica mais predominante, que muito dialoga com aspectos importantes à formação de estudantes capacitados criticamente, ou seja, a ideia de que vozes marginalizadas merecem serem escutadas, acolhidas e divulgadas. Além disso, como proponentes dessa atividade, acreditamos que, através da poesia Slam, os participantes poderiam ser levados a uma visão diferente do gênero poético, que muitas vezes parece deter-se ao nível formal, quando pode ser, como demonstra a poesia de rua, muito mais livre, político e experimental.

⁶ Este artigo é resultado de atividades desenvolvidas por alunos do PIBID, na Escola Estadual do Parque São Jorge, com apoio financeiro da CAPES, tanto para os estudantes, como para a professora supervisora e a coordenadora.



O uso do Slam no contexto escolar constitui uma estratégia significativa para despertar o interesse dos estudantes e aproximar aqueles que se sentem distanciados das estéticas literárias mais tradicionais, como a crônica, o romance e o conto. Embora esses gêneros sejam amplamente explorados no ensino, muitas vezes não dialogam com o cotidiano e as vivências de parte dos alunos. Nesse sentido, ao propor materiais que promovam debate e reflexão político-social, a poesia Slam se destaca como uma prática literária engajadora, capaz de estabelecer pontes entre a escola e a realidade dos jovens, por meio de uma linguagem poética viva, crítica e próxima de suas experiências. Sobre essa “ponte”, Paulo Freire, em 1967, já destacava questões que ainda ecoam em nossa realidade:

A própria posição da nossa escola, de modo geral acalentada ela mesma pela sonoridade da palavra, pela memorização dos trechos, pela desvinculação da realidade, pela tendência a reduzir os meios de aprendizagem às formas meramente nocionais, já é uma posição caracteristicamente ingênua (Freire, 2015).

Dessa forma, como evitar essa ingenuidade? No trabalho proposto, desenvolvemos a atividade com o olhar atento de quem não pretende simplesmente memorizar, numa atitude reducionista, nem mesmo desvincular o que cada aluno carrega como experiência de mundo, dialogando com a realidade desses alunos. E a experiência é questão fundamental, como diz Jorge Larrosa, destacando sua:

[...] capacidade de formação e de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, aos nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (Larrosa, 2015, p. 28).

Percebemos a interrelação entre Larrosa e Freire, ao destacarem a importância do diálogo coletivo, abarcando aquilo que cada um já possui como bagagem, compartilhando e criando novas experiências. Tal articulação aplica-se adequadamente ao Slam, com suas características coletivas, seu meio de divulgação, além do fato de essa poesia somente “acontecer” com a participação ativa de um público que ouve e se relaciona.

Para articular o desenvolvimento da proposta, buscamos a Base Nacional Comum Curricular, (BNCC), que reconhece a oralidade como prática inerente ao uso da língua, e não





como um aspecto secundário do ensino. Nesse sentido, ela deve ser trabalhada de forma articulada às demais práticas de linguagem, leitura, escuta, interpretação e produção, favorecendo o desenvolvimento integral das competências comunicativas. Além disso, a Base enfatiza a autonomia do discente para acessar e compreender diversas “linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômenos sociais, culturais e históricos, marcados pela heterogeneidade e pela sensibilidade aos contextos de uso.” A partir desse princípio, o diálogo entre a poesia erudita e a poesia contemporânea, como o Slam, amplia as possibilidades de leitura e expressão, permitindo aos estudantes reconhecerem novas formas de fazer poético e perceberem a literatura como linguagem viva e transformadora.

A experiência em sala de aula também dialoga com a reflexão de Maria Amélia Dalvi (2013), que critica o distanciamento entre o ensino de literatura e o mundo vivido pelos estudantes. A autora observa que o professor deve aproximar o ensino literário das experiências culturais reais dos alunos, sem desvalorizar o estético, mas ampliando o olhar da escola:

[...] os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural. Principalmente para alunos economicamente, o acesso ao circuito literário é, às vezes, impensável quanto um cruzeiro para as ilhas gregas. No entanto, a escola se esquece de que talvez fosse o caso de apurar o olhar para a análise de formas literárias populares, música que toca nas rádios, a novela, o filme de Hollywood, o grafite como poesia visual etc., buscando nessas manifestações seus pontos de contato com a dita alta literatura, a fim de mais construir pontes que erguer muros (Dalvi, 2013, p. 75).

Ao propor o debate e a análise de letras de poesias, buscou-se justamente construir essas pontes entre o universo literário e as vivências socioculturais dos alunos. O exercício de leitura crítica das entonações, metáforas e símbolos permitiu que percebessem a poesia como expressão legítima de experiências coletivas e individuais, reconhecendo nela um meio de compreender a realidade. Assim, o trabalho reafirma o papel da escola como espaço de mediação cultural, onde a literatura se torna mais acessível, dialógica e significativa.

Pelo desafio de se trabalhar a poesia Slam em uma única aula, destacamos brevemente um contexto e uma introdução ao gênero, para, então, partir para o contato com dois vídeos que nos colocam em contato com essa poesia. Por fim, uma discussão geral para compartilhar as experiências e possíveis interpretações. Destacamos que a aula ocorreu em turmas do 3º ano do período noturno da Escola Estadual do Parque São Jorge.





X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

O contato com esses alunos proporcionou novos olhares e trocas, principalmente por se tratar de uma turma noturna, que sofre com estigmas e afastam novos professores, talvez por um preconceito de falta de interesse e violência. O que presenciamos são alunos que possuem vivências em consonância com os temas retratados pelo Slam, temas esses talvez pouco enfrentados em sala de aula, o que possibilitou um melhor engajamento. Assim, pudemos notar que o Slam consegue quebrar certas barreiras entre a bagagem de cada aluno e a construção de saberes dentro da escola, tanto por seus temas, como pelo uso da linguagem.

METODOLOGIA

Para a realização de nosso propósito, nos dirigimos, com ambas as turmas de 3º ano, do período noturno, à biblioteca da escola, lugar simbólico por representar a literatura com a qual trabalhamos, com o objetivo, ainda, de induzi-los a uma maior imersão no universo poético ao qual posteriormente adentramos. Partimos de questões simples como: “Vocês têm contato com literatura? Gostam de poesia? Conhecem o Slam?”. Em seguida, uma breve exposição desse gênero para os alunos. É preciso destacar que o projeto aconteceu em uma sexta-feira, dia em que normalmente poucos alunos estão presentes na escola. Em ambas as turmas, encontramos cerca de 10 alunos.

Após a breve exposição, partimos para a apresentação de três vídeos, dos poetas King, Xamã e Rafa Nunes, que exemplificam muito bem o que é o Slam. Nos três exemplos, a temática envolve um olhar consciente para a realidade brasileira de determinadas classes sociais, desnudando injustiças e criticando posições passivas. Dessa forma, pudemos nos aproximar da realidade dos alunos de uma escola estadual em um bairro afastado do centro da cidade, em que muitos alunos optam pelo período noturno para trabalhar durante o dia para ajudar com o sustento da família.

O passo final consiste em abrir a discussão para primeiras impressões, possíveis interpretações e as correlações com a vivência de cada um. Possibilitando um espaço de troca baseado na escuta e na compreensão de que, o “conhecimento” como finalidade da aula, perpassa as individualidades de cada um, assim como uma subjetividade inerente ao trabalho com a literatura.





REFERENCIAL TEÓRICO

A partir de um referencial teórico pautado na importância da literatura para a formação docente (Castro, Sousa Alves, 2019; Dalvi, 2013; Paiva, 2019), principalmente voltado para os desafios de uma literatura preocupada com questões sociais, ou seja, bastante engajada com a realidade social, pudemos problematizar o espaço dessas literaturas na escola, os desafios e as relações com com as vivências de cada aluno.

Pensando nessa relação, baseado em Freire (2015) e Larrosa (2015), pudemos partir de noções bastante consolidadas nas pesquisas pedagógicas do país; no entanto, a distância óbvia entre teoria e prática tornou esse projeto uma ótima oportunidade para aplicar certos conceitos e entender o lado positivo e as limitações, como uma pedagogia que prima pela bagagem que cada aluno já possui e pela importância da experiência nas trocas de saberes dentro da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão levantada na parte final do projeto proporcionou novos olhares para o Slam como uma oportunidade de quebrar a barreira invisível entre uma literatura “canônica” e a vivência de cada aluno. O que pudemos observar, através da fala de cada aluno, foi uma aproximação mais sincera e pessoal, muito marcada pela temática envolvida. Os alunos conseguiram se enxergar nas questões dispostas e formular posições críticas a partir dessa literatura.

Devemos destacar a utilização da biblioteca como alternativa para a padronização impositiva da sala de aula. Num espaço aberto, quase uma roda de conversa, pudemos evitar essa noção estigmatizante do professor como autoridade que dita as verdades, criando um espaço em que todos puderam dialogar sem resistência. Prova disso foi a participação da bibliotecária na discussão, ao trazer as preocupações acerca do filho e na sua inclusão no mundo, não somente da escola, como da vida pessoal, como um jovem negro que busca sua individualidade em um mundo que oferece pouco espaço.

Por fim, destacamos a importância do projeto para a formação de futuros professores de língua portuguesa, atentos com os desafios de se trabalhar com a literatura em sala de aula, além da preocupação com a linguagem e o olhar para o outro. Podemos resumir o projeto





como um grande exercício de alteridade, ao nos dispormos a trabalhar temas tão relevantes e ouvir. Talvez a maior lição de todo esse projeto: a sensibilidade de ouvir o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa possibilitou a compreensão da importância de se trabalhar temas que destaqueem a vivência de cada aluno, repensando os desafios do ensino de língua portuguesa ancorado em uma literatura que foge do cânone. O projeto contribuiu para um importante passo para a formação de uma identidade docente, calcada na escuta e na partilha, assim como no processo continuo de aprendizagem do professor. Percebemos a individualidade de cada aluno e refletimos sobre como cada escola possui um perfil próprio, ou seja, não deixamos a teoria de lado, mas nos aproximamos ainda mais da prática como tentativa de aperfeiçoamento, como uma possibilidade de “tentar” e “experimentar”. Por fim, destacamos a relação da escola como espaço físico e dos funcionários por trás de cada função, como a bibliotecária, que se sentiu bem em compartilhar sua história, criando um ambiente próprio para o diálogo e a troca de saberes na escola.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio de todos os funcionários da Escola Estadual do Parque São Jorge ao nos recepcionar de braços abertos.

Aos alunos que possibilitaram a realização da aula, pois sem eles não haveria diálogo e troca de experiências.

À CAPES pelo apoio financeiro do Pibid, possibilitando essa “iniciação” ao ambiente escolar.

À professora supervisora e à coordenadora do Pibid, por nos auxiliarem e nos apoiarem nesse percurso rumo à docência.





REFERÊNCIAS

- CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, v. 7, p. 3-25, 2019.
- DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- KING. **A poesia serve como uma muleta para o aleijado, serve como um tanque de guerra contra o estado...** Canal: Manos e Minas, 2019.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- NUNES, Rafa. **Eu cresci ouvindo que gente como eu não tinha vez...** Canal: Manos e Minas, 2018.
- PAIVA, Edson Prazeres Ribeiro. **Batalha de poesia Slam**: representatividade sócio-literária. Trabalho de conclusão de curso – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Letras Português, Universidade Federal da Paraíba – Paraíba, 2019.
- XAMÃ. **BATALHA DE POESIA SLAM GRITO FILMES "XAMÃ"**. Canal: Grito Filmes, 2016.